

Elegias de Sexto Propércio: uma nova leitura em português

Jessica Romanin Mattus¹

Muito se discute acerca da fidelidade e da eficácia da tradução, se é possível traduzir completamente o sentido de uma obra, se o resultado em vernáculo é relevante por si só ou se configura um texto inferior ao texto de partida. A semelhança entre as palavras da expressão “*traduttore, traditore*” colabora para a perpetuação da premissa de que traduzir é trair o original; podemos considerar como uma realidade o fato de que nenhum ser humano é capaz de falar todas as línguas existentes, quanto mais sabê-las tão completamente que lhe seja possível ler qualquer texto de qualquer período de qualquer língua. Isso já mostra que a tradução tem um papel fundamental que é o de fazer com que não falantes de uma língua tenham acesso a outras literaturas, portanto cumpre um papel essencial de difusão da cultura já que inevitavelmente um leitor acabará por ler alguma tradução em sua vida.

O ato de escrever já pode ser considerado uma tradução intralingual², mas aqui nos deteremos àquela interlingual, mais especificamente a um exemplo de tradução do latim para o português, uma versão de Propércio feita por Guilherme Gontijo Flores, professor de língua e literatura latina da UFPR. Segundo Derrida (2002, p. 20-21), a tradução sempre esbarra na intraduzibilidade, até porque não há sinônimos perfeitos em línguas diferentes, embora a questão da intraduzibilidade seja justamente o que possibilita a existência de várias traduções de uma mesma obra, pois é o que deixa o sentido de uma obra aberto para a leitura ativa do tradutor.

Schleiermacher (2010, p. 57) divide a tradução em duas vertentes: a que leva o leitor ao autor, portanto mantém as características da língua de partida (o que leva ao estranhamento), e a que leva o autor ao leitor, apagando todos os estranhamentos que poderiam ocorrer, resultando num texto que parece ter sido originalmente escrito na língua de chegada. Cada época possui seu modelo ideal de tradução. Na França dos séculos XVII e XVIII há um exemplo de modelo que favorecia a alteração do texto original, se isso ajudasse a conferir clareza e harmonia à obra: foi o período daqueles textos que ficaram conhecidos como as *Belles Infidèles*. Na Alemanha do século seguinte, ao contrário, o modelo tido como mais correto era o que mantivesse o texto, sem alterações, o mais literalmente possível (aqui fidelidade se confunde com a ideia de literalidade). A tradução foi fundamental para o desenvolvimento e afirmação da literatura alemã e, conseqüentemente, o tradutor também era importante e necessário. Uma diferença entre a tradução francesa e a alemã desses dois momentos, classicismo e romantismo respectivamente, é que a francesa faz com que o livro soe natural, apaga todos os estranhamentos possíveis a um leitor francês, já a alemã conserva-os, leva o

¹ Mestranda em Letras - Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

² “Distinguimos três maneiras de interpretar um signo verbal: ele pode ser traduzido em outros signos da mesma língua, em outra língua, ou em outro sistema de símbolos não-verbais.” (JAKOBSON, 1995, p.64). Essas três maneiras são a tradução intralingual ou reformulação, tradução interlingual ou tradução propriamente dita e a tradução intersemiótica ou transmutação (JAKOBSON, 1995, p.64-65).

leitor ao autor e não o contrário. Em língua portuguesa, podemos constatar duas correntes opostas que tiveram larga divulgação em nossa literatura: o filintismo e o elmanismo. Filintismo está relacionado a Filinto Elísio, que tendia ao arcaísmo, com versões que poderiam ser consideradas obscuras, e o exemplo de um tradutor posterior que seguiu seu estilo foi Odorico Mendes. Já o elmanismo vem de Bocage, que pretendia que o texto de chegada fosse fluido, com clareza vocabular, que não causasse estranhamento.

Analisar o livro *Elegias de Sexto Propércio* (PROPÉRCIO, 2014) traduzido por Flores conta com um facilitador, que é a discussão acerca da teoria da tradução presente no posfácio da obra, na qual o tradutor também expõe suas próprias escolhas tradutórias, encontraremos nesse trabalho sua tentativa: "Deixar-me divergir ao mesmo tempo do poeta e do filólogo que trago em mim para poder criar, para poder também divertir, sem culpas." (FLORES, 2014, p. 510). Ele também, na mesma linha de Benjamin (2008, p. 89) e outros tradutores, acredita que as versões são formas provisórias, mas não acha conveniente pensar no que se perde do texto de partida ao traduzir, pois considera que tal discussão não terá outro fim senão o do pessimismo:

[...] ao lermos criticamente uma obra qualquer traduzida, não deveríamos tratar como uma simples avaliação em termos de acertos e erros à medida que um tradutor translada o texto original para outra língua, porque esse tipo de lógica quase sempre chega à conclusão da impossibilidade tradutória, por se convencer sempre de que não há completa equivalência entre duas línguas e acabar caindo num pessimismo ontológico inútil, na sua busca pelo frescor e pela "pureza perdida" do texto original. (FLORES, 2014, p. 450)

É o fato de a equivalência não ser completa que possibilita a "diversão tradutória" (para citar o título do posfácio). Cada tradução seria uma criação, portanto, ele não julga acertado compará-las e escolher a melhor delas, uma vez que cada tradutor tem seu método e também um objetivo próprio ao realizar seu trabalho. A qualidade da tradução deveria ser observada individualmente, portanto, de acordo com o que se propôs a fazer determinado tradutor. É válido ressaltar que Flores também aborda os preceitos de Pound e compartilha algumas de suas ideias, como a de considerar a tradução importante para a permanência do texto. Essa importância é facilmente detectável na própria ideia de *paideuma* poundiano, e nesse aspecto Flores também crê que a tradição é revista pela tradução.

Quanto à forma, ele opta por manter em sua versão o mesmo número de versos dos poemas latinos. No poema 2.27 (p. 162, 163) encontramos outra característica, que é a tentativa de manter no texto de chegada as mesmas quebras sintáticas, como nos versos 11 e 12: *Solus amans nouit, quando periturus et a qua/ morte, neque hic Boreae flabra neque arma timet*, que fica "Somente o amante sabe quando há de morrer/ e a Morte: armas e Bóreas não receia." Podemos perceber que o tradutor consegue que o verso 12 comece também com morte, mantendo a quebra da oração contida nesses dois versos. Também "receia" é a última palavra do verso 12, assim como *timet* se encontra no final do verso 12 do original. Para manter o número de versos, opta por suprimir em sua tradução a palavra *flabra*, e ainda trocando a dupla negativa (*neque... neque*) por uma negativa com "não". A economia e a escolha por manter as palavras em determinadas posições no verso pode alterar em algum grau o sentido do original, contudo se justifica no número de sílabas poéticas escolhido pelo tradutor, que alterna versos dodecassílabos e decassílabos, seguida e regularmente, emulando os dísticos elegíacos utilizados por Propércio, que constituíam uma unidade de sentido. Em outros casos, o enxugamento com o objetivo de caber melhor o verso latino na língua de chegada, com a fluidez desejada, não chega a alterar o sentido, como em 2.15, versos 49 e 50: *Tu modo, dum lucet, fructum ne desere uitae!/ Omnia si dederis oscula, pauca dabis*, que fica "Enquanto há luz, não deixes o fruto da vida!/ Se deres todos os beijos,

darás poucos.". O sintagma *Dum lucet* em português **fica mais extenso, portanto ocupa maior espaço** no verso, o que levou o tradutor a escolher suprimir *Tu modo*.

Esse cuidado com o número de sílabas poéticas se estende por toda a obra. No poema 3.1 percebemos a mesma dinâmica. Mantém "Calímaco" como a primeira palavra do poema, mesmo que para isso "Cós", que no original está no primeiro verso, tenha que se encaixar no segundo no texto de chegada, para enfatizar a palavra que abre o terceiro livro, já que julga "[...] muito sintomático um poeta abrir um livro seu com o nome de outro poeta — de modo que não é à toa que se julgava o Calímaco romano." (FLORES, 2014, p. 508). Também a economia de palavras para alcançar o número de sílabas poéticas que escolheu para emular o dístico é encontrada aqui, no exemplo da supressão de *dicite* no quinto verso (cf. 3.1.5). Apesar desse recurso para que a frase coubesse no verso em português, a aliteração que existe nesse quinto verso do poema latino é recriada na de Guilherme: *Dicite, quo pariter carmen tenuastis in antro?* (p. 194) e "Em que gruta afinastes juntos vosso canto?"; esse verso fala da harmonização dos cantos, e os dois poetas também estão afinados nesse verso.

Os poemas possuem um ritmo fluido, mas não podemos dizer que todos os estranhamentos são apagados, como na corrente elmanista. Tampouco o tradutor se vê preso a traduzir literalmente, palavra por palavra, os versos de Propércio. Há liberdade, mas sem ofuscar o original latino, e é esse entrelugar que o tradutor busca e alcança nessa obra, como ele mesmo diz: incorporar "[...] um linguajar modernista sem tirar o pé de nossa tradição clássica, é o caminho que encontrei para recriar Propércio." (FLORES, 2014, p. 511).

Propércio não é tão conhecido entre nós quanto são outros poetas latinos, como Horácio ou Ovídio. Sobre isso Pound, que propôs uma tradução criativa de alguns poemas selecionados desse elegíaco em *Homage to Sextus Propertius* (1916), diria ser reflexo do ensino e do que foi considerado como cânone da poesia latina. A existência agora de uma tradução integral em português das elegias de Sexto Propércio contribuiu para a permanência do texto latino e sua divulgação, sendo um ganho tanto para a poesia em língua portuguesa quanto para a recepção dos clássicos no Brasil.

Referências

PROPÉRCIO, S. *Elegias de Sexto Propércio*. Organização, tradução, introdução e notas Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. 528 p. ISBN: 978-85-8217-395-4.

BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. Tradução de João Barrento. In: BRANCO, L. C (org.). *A Tarefa do Tradutor, de Walter Benjamin*: quatro traduções para o português. Belo Horizonte. Fale/UFMG, 2008. p. 82-98

DERRIDA, J. *Torres de Babel*. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

FLORES, G. G. Posfácio: A diversão tradutória. In: PROPÉRCIO, S. *Elegias de Sexto Propércio*. Organização, tradução, introdução e notas Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. p. 441-513.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: _____. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 15ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 63-72.

SCHLEIERMACHER, F. Sobre os diferentes métodos de tradução. *In*: Heidermann (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Vol. I, 2ª ed, Alemão-Português. Florianópolis: Editora UFSC, 2010. p. 38-101

Data de envio: 15-05-2016

Data de aprovação: 22-07-2016

Data de publicação: 09-09-2016